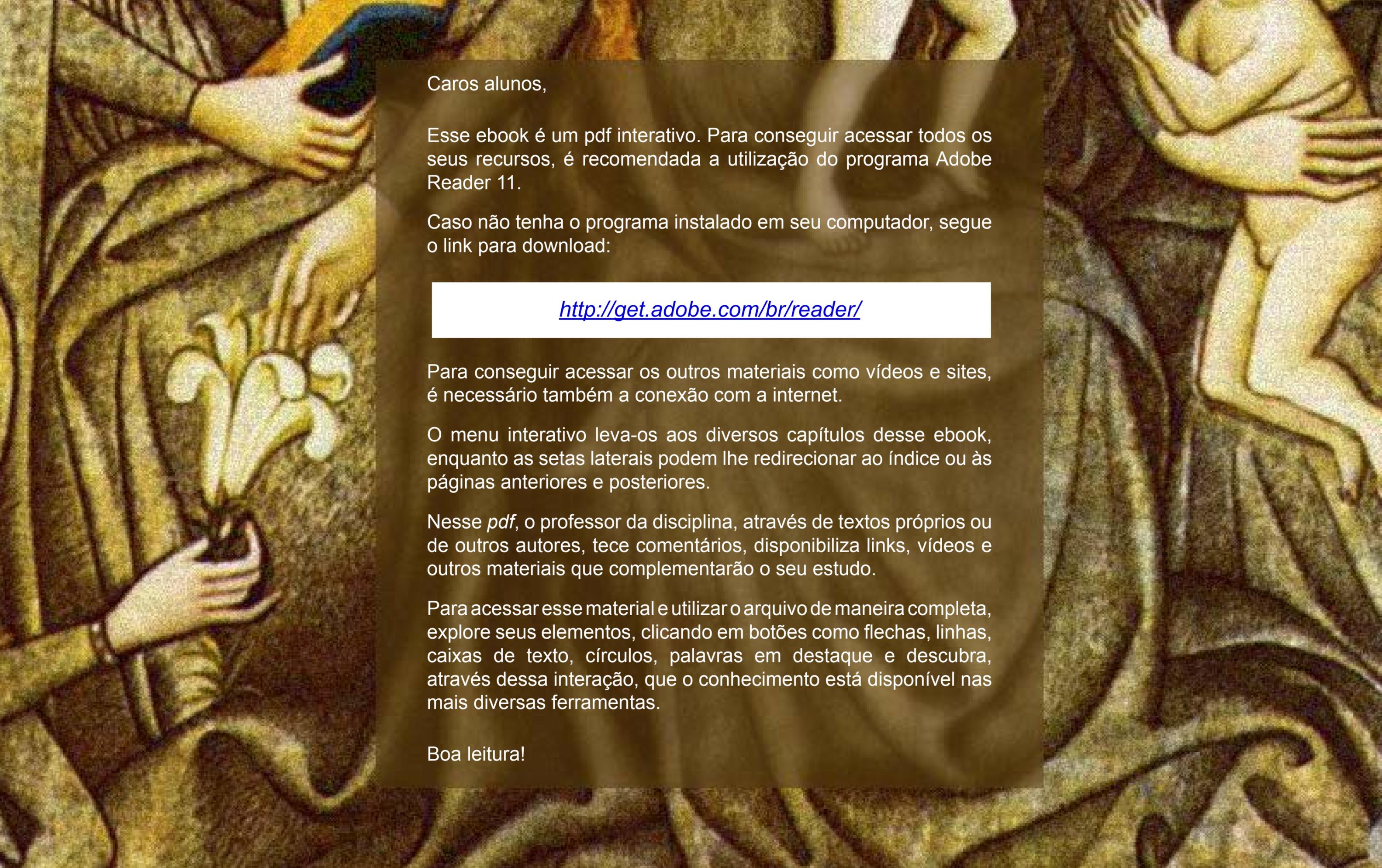




HISTÓRIA DAS ARTES

Marcia Cristina Cebulski

The background of the slide is a detailed illustration in a classical style, showing several hands in various poses, some holding a book or a scroll. The colors are muted, with earthy tones like browns, yellows, and greys. The style is reminiscent of a woodcut or a detailed drawing from an old manuscript.

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

DO MITO AO RITO: UM CAMINHO PARA A COMPREENSÃO DA ARTE

DIMENSÃO MÍTICA, MÁGICA E RITUAL

ULISSES

O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

FERNANDO PESSOA

Mensagem (1934)

O poema do poeta português abarca, de modo magistral, aspectos conceituais e filosóficos sobre o mito. Algumas leituras e análises são discutidas no Café Filosófico, por Antônio Medeiro Rodrigues, Demétrio Magnoli e José de Paula Ramos. Dividido em três partes, esse encontro tem registro em vídeo e intitula-se Mito: o nada que é tudo. Inclusive, esses pensadores

fazem alusão à presença do mito na arte. Portanto, convidamos você, prezado leitor, a assistir esses vídeos, procurando prestar atenção e refletir sobre esse interessante diálogo sobre as múltiplas dimensões da presença do mito na vida humana!

Café Filosófico - Mito: o nada que é tudo (Parte 1/3)

Café Filosófico - Mito: o nada que é tudo (Parte 2/3)

Café Filosófico - Mito: o nada que é tudo (Parte 3/3)

Sobre tal fato, Everardo P. G. Rocha (1985, p. 7-8), no seu livro *O que é mito*, inicia com essas palavras:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de 'estar no mundo' ou as relações sociais. Mas, o mito é também um fenômeno de difícil definição. Por trás dessa palavra pode estar contida toda uma constelação, uma gama diversificada de ideias. O mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido, múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar várias ideias, ser usado em diversos contextos. Qualquer um pode, sem cerimônia, utilizar a palavra para designar desde o 'mito' de Édipo ao 'mito' Michael Jackson', passando pelo 'mito' da mulher amada ou da eterna juventude. O mito é também uma palavra que está na moda. Um conceito amplo e complexo, por trás de uma palavra chique.

Esperamos que as leituras e reflexões aqui feitas ajudem você, leitor, a melhor compreender a arte ao desvendar os seus aspectos míticos, mágicos e rituais.

MAGIA

Século 21. Tantos eletrônicos, novas tecnologias e descobertas científicas, em todas as áreas do conhecimento humano, que possibilitaram e possibilitam avanços no âmbito material da vida contemporânea. No entanto, é possível constatar um grande interesse pelo invisível, também pela oferta popular de auxílio oracular - tarô, runas, por exemplo -, astrologia, além de proliferar grupos ocultistas, ligados a ordens míticas.

Nas palavras de Francis King (1996, p. 7), “O interesse pelo oculto está mais estendido nos nossos dias do que em nenhuma outra época.” E tais fenômenos acima anunciados revelam

[...] o renascimento da magia, um conjunto de teorias e técnicas que constitui para os seus devotos, por um lado, a autêntica ‘ioga do Ocidente’, e, por outro lado, o único sistema de desenvolvimento espiritual que é possível ser aplicado sem nos desligarmos completamente da vida cotidiana. (p. 7).

DÊ DUPLO CLIQUE NO ÍCONE AO LADO PARA ABRIR O ARQUIVO PDF



No entanto, como abordar a presença da magia na arte? No percurso histórico da humanidade, consoante o seu estágio cultural (incluindo aqui aspectos ligados à religiosidade) será vivenciada a magia de maneira evidente, ou não, nas manifestações artísticas e culturais. Por vezes, será ela negada, totalmente. Mas, invariavelmente, o caráter mágico é revelado de forma ritual, em celebrações que revelam o humano e sua cultura.

RITO

O artigo Ritos e rituais, de Borres Guilouski e Diná Raquel D. da Costa, apresentados na Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades (PUC/PR, 2012, p. 91-109) apresenta esses conceitos (ritos e rituais) de maneira didática, ainda que o foco maior esteja em sublinhar sua

ligação com a religiosidade humana. No entanto, há que destacar a estreita ligação entre arte e religião, em boa parte da história da arte, e mesmo quando a separação entre ambas ocorreu (na arte moderna), é fato que a religiosidade sempre fez parte da vida humana. Então, se a religiosidade está presente na vida, e a vida é o que fomenta o existir da arte, há que se pensar se realmente tal cisão de fato ocorreu. Pois a dimensão do sagrado vai muito além do que circunscreve as diferentes manifestações religiosas, e envolveu (e ainda envolve) a arte na sua trajetória histórica.

Artigo: Ritos e Rituais (download direto)

Livro: *O sagrado e o profano*, de Mircea Eliade.

DAS CERIMÔNIAS AO ESPETÁCULO

As sagas dos heróis e histórias dos reis, rainhas, de lutas por poder e glória, bem como aquelas que relatam a trajetória de um povo, e que com o tempo foram alçadas à tradição oral, também foram incorporadas em celebrações rituais, que por sua vez, deram origem às diversas formas de expressão em arte (BRANDÃO, 1996; CEBULSKI, 2012). E, de modo especial, as formas espetaculares (teatro e dança, principalmente). Um magnífico exemplo disso é a *Ilíada* e a *Odisséia*, ambas escritas por Homero, a partir de relatos da tradição oral grega. (BERTHOLD, 2008)

Porém, a discussão sobre o caráter ritual presente em formas espetaculares é ampla e se poderia muito estudar sobre esse tema, a partir da ótica de variados autores. Para o momento, uma leitura interessante, é feita por Ana Caldas Lewinsohn, no texto *Entre o ritual e a cena: limites e mutações*, cuja discussão se inicia com a seguinte questão: “Ritual e Cena. Existe mesmo um limiar entre essas duas formas de expressão? Supondo uma resposta afirmativa, quais seriam os elementos responsáveis por diferenciá-las?”

Texto: *Entre o Ritual e a Cena: limites e mutações*, de Ana Caldas Lewinsohn.

A autora traz alguns conceitos para analisar o caráter ritualístico de um festejo popular do nordeste brasileiro Cavalinho marinho, no qual estão presentes a dança, a música, o teatro e a poesia.

Vídeo: Festival de Brincantes - Cavalinho Marinho.

Esse foi um pequeno exemplo para ilustrar a intensa relação que existe do caráter cerimonial nas formas espetaculares de arte, cuja origem se perde no tempo. Mas que parecem ressurgir na contemporaneidade, até como forma de se sobrepôr ao avanço das novas tecnologias.

MITO, RITO, MAGIA E PODER NA HISTÓRIA NA ARTE

NA ARTE NA PRÉ-HISTÓRIA

Vídeo: Pinturas Rupestres.

Arnold Hauser (1982, p. 11), no seu notável livro *História social da literatura e da arte*, já no capítulo 1, Período do Paleolítico, magia e naturalismo, traz como subtítulos: “O naturalismo pré-histórico. A arte a serviço da vida cotidiana corrente, como instrumento de uma técnica mágica. A arte como continuação direta da realidade. A fase pré-mágica e a Idade da Magia”. Discorre que

em tempos primeiros, nossos antecedentes do Paleolítico acreditam que, ao desenhar imagens de animais nas paredes das cavernas, sobre aqueles animais, tinham o poder de dominá-los pela força, caçá-los, mesmo sendo esses animais muito superiores aos humanos em tamanho e força.

Nesta fase da vida exclusivamente prática, tudo girava, como é obvio, em torno da mera preocupação de arranjar alimentos; nada justifica, portanto, que se admita que a arte satisfazia a qualquer outro objetivo que não fosse o de constituir simples meio de auxiliar a obtenção desses alimentos. Os dados que até nós chegaram inculcam que ela constituía instrumento de uma técnica mágica, e, como tal, dotado de funções pragmáticas, visando diretamente objetivos econômicos. Semelhante magia, porém, nada tinha de comum, ao que parece, com aquilo que designamos na linguagem corrente por religião. Não se conheciam orações, não se adoravam poderes secretos, nem se estabelecia um nexo entre seres extraterrenos de natureza espiritual e qualquer espécie de fé. [...] Era uma técnica sem mistério, um procedimento de mero fato, a aplicação objetiva de métodos que pouco tinham de comum com o misticismo ou o esoterismo; algo que se aproxima dos nossos atos de armar uma ratoeira; adubar um terreno, ou tomar um medicamento. As pinturas faziam parte da técnica deste processo de magia; eram a 'ratoeira' com o animal já capturado. É que os desenhos constituíam simultaneamente a representação e a coisa representada; eram simultaneamente o desejo e a realização do desejo. O caçador e o pintor da era paleolítica supunham encontrar-se na posse do próprio objeto desde que possuíssem a sua imagem; julgavam adquirir poder sobre o objeto por intermédio da sua representação. Acreditavam que o animal verdadeiro sofria, no mesmo preciso momento, a morte retratada na efígie. A representação pictórica nada mais era, a seus olhos, do que a antecipação do efeito desejado; o evento real seguir-se-ia inevitavelmente à ação mágica da representação, ou melhor, aquela estava contida nesta, separando-as apenas os meios, supostos irrealis, do espaço e do tempo. (HAUSER, 1982, p. 16).

Vídeo: Arte Rupestre.

O fascínio que desperta a arte da pré-história, suas singularidades e características que muito relatam sobre os primórdios da humanidade são magistralmente percorridas pelo professor José Leonardo do Nascimento, do Departamento de Artes Plásticas/Instituto de

Artes Plásticas da UNESP, em 09 partes que detalham e explicam esse vasto período da história, no qual a arte tem uma função determinante, dado o seu vínculo com a sobrevivência e o desenvolvimento da racionalidade.

Vídeo: *História da Arte I*, parte:

1	4	7
2	5	8
3	6	9

NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Sem dúvida, pode-se afirmar que a tradição clássica greco-romana marcou de forma indelével o percurso histórico do homem ocidental. E, por conseguinte, da sua arte, povoada de histórias lendárias, sagas, mitos heroicos, deusas e deuses, tragédias sobre as famílias ancestrais e guerras travadas por poder e glórias. (CEBULSKI, 2012).

Vídeo: Deuses e Deusas - Mitologia Grega.

Sobre esses temas, além de outros deles derivados, muito se escreveu: filósofos, historiadores, sociólogos, literatos. Além da abundante literatura, muitos filmes foram inspirados no período clássico greco-romano.

A dissertação de Aline de Fátima Sales Silva (2009), *O sentido educativo do mito na formação do homem grego*, no seu resumo elenca e justifica a sua pesquisa:

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa 'Cultura e processos educacionais' e discute o sentido do mito na formação do homem grego. Os mitos estão presentes na Grécia Antiga tornando-se elemento formador de toda uma geração desde Homero ao período clássico. De cunho essencialmente bibliográfico, teórico no sentido grego do termo, este trabalho mostra a forma com que, da virtude guerreira dos tempos homéricos à virtude política almejada na pólis democrática, os mitos marcaram profundamente a mentalidade e a formação do homem grego. Posteriormente eles são apresentados pelo teatro na tragédia e na comédia. Na comédia os problemas políticos são postos em cena, conduzindo o cidadão à reflexão sobre as questões essenciais da vida pública e privada na pólis de Atenas. A filosofia nasce do questionamento da vida social que se constituía com o surgimento da pólis. Impõe-se como discurso lógico, racional e demonstrativo que examina a realidade e direciona o pensamento para o mundo imutável da essência. Profundamente ligada à cultura e as tradições do povo grego, dialoga com o mito na possibilidade sempre aberta de compreensão da totalidade da existência nos planos individual e coletivo. Os mitos são paradigmas socialmente construídos que apresentam o tipo de homem que se deseja formar em cada momento na sociedade grega. No período áureo da filosofia no século V a.C., Platão, retomando o mito como exemplo incontestável de educação, demonstra sua paidéia, a formação do homem autônomo na conquista dos valores imutáveis do espírito, que conduz o homem e a cidade à justiça e ao Bem maior. Daí o sentido e a necessidade de se fortalecer o vínculo com a tradição, com os costumes, mitos e ritos de nossa cultura em qualquer tempo e em todos os momentos compreendendo o processo de formação humana para além da mera e empobrecida escolarização como algo que eleva o homem e a cidade ao mundo perene dos valores do espírito que nos torna qualitativamente melhores, virtuosos e humanos.

Dissertação: *O sentido educativo do mito na formação do homem grego*

Esse estudo amplia a compreensão sobre os domínios do mito não só na antiguidade clássica, mas também a sua incidência na formação do homem contemporâneo, justamente por tratar também de modelos paradigmáticos acolhidos pela cultura e por ela reproduzidos, o que pode se dar na arte e na educação.

NA ARTE DA IDADE MÉDIA

Num período que se estendeu do século V ao XV, na Europa ocorreu aquilo que posteriormente foi denominado Idade Média. Três culturas coexistiram nesse período: a árabe, a bizantina e a feudal. E durante mil anos, para melhor se poder compreender a vastidão da sua história, foi dividida em Alta Idade Média e Baixa Idade Média. (CEBULSKI, 2012)

Foi o período da ascensão do cristianismo no continente europeu, principalmente pelo domínio da Igreja Católica, que se preocupou em marcar no território e no humano a mística cristã – suas crenças por meio de ritos e imagens. Na arte visual desse longo período, o românico e o gótico estão eternizados até o presente com suas imensas catedrais e mosteiros no território europeu.

Vídeo: Arte na Idade Média - Arte Gótica e Românica.

E o teatro medieval, o teatro religioso ou litúrgico e o teatro profano, realizados ao ar livre, no entorno dos prédios religiosos, nas grandes praças medievais, narram histórias sagradas bíblicas ou mitos pagãos e histórias da tradição oral, respectivamente.

Para ilustrar a presença do mito na arte da Idade Média, agora na literatura, a famosa história de Tristão e Isolda, nas palavras de Joseph Campbell.

Livro: Tristão e Isolda.

Vídeo: Tristão e Isolda.

NA ARTE ORIENTAL

Quando se fala de arte oriental é preciso destacar a amplitude que esse tema abarca, não só territorial quanto cultural e histórica. E para dar conta dessa dimensão, carecemos de referências bibliográficas traduzidas no Brasil.

Margot Berthold (2008), na sua obra História mundial do teatro, dedica quase 100 páginas para discorrer sobre o teatro no Egito Antigo e Oriente, As Civilizações Islâmicas, As civilizações Indo-Pacíficas, China e Japão. E é possível encontrar, no seu texto, a estreita relação entre mito, magia e rito nas expressões espetaculares dos inúmeros povos que habitam a parte oriental do planeta.

De modo especial, nas Formas animadas – teatro de máscaras, se encontra uma forma peculiar de tradição cultural que, na sua origem, foi baseada em mitos, danças e ritos religiosos, como a Ópera de Pequim, o Teatro de Bali o Kathakali. Também o Teatro de Bonecos, particularmente no Teatro de Sombras – Teatro de Sombras Chinês, Turco (Karagöz), Indiano e Japonês. (CEBULSKI, 2013).

Vídeo: Apresentação de Kathakali

No âmbito imagético, as incríveis construções arquitetônicas, esculturais, bem como as demais expressões da visualidade, são impregnadas de um grande espectro mítico e ritual, dada a diversidade religiosa e filosófica do oriente.

Vídeo: Historia del arte Universal - India, China y Japón

NA ARTE AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Do mesmo modo que alertamos o leitor na unidade anterior, trazer para estudo a relação mítica, mágica e ritual na arte africana e afro-brasileira esbarra na incrível diversidade cultural dos povos africanos, na vastidão do continente africano que traz uma miríade de expressões artísticas. E no Brasil, dos afro-brasileiros, que incorporaram elementos outros, no contato com a cultura dos povos nativos e dos europeus.

Como exemplo, a Arte do reino de Ifé, para uma melhor compreensão das suas ramificações na arte e cultura brasileira

Vídeo: *Arte do reino de Ifé*

No tocante à questão ritualística africana e sua presença na arte, temos um artigo de Rita de Kasia Andrade Amaral (2011).

Artigo: *Introdução à discussão da arte nos rituais africanos.*

E Janana Barros Silva Viana (2008), na sua dissertação de mestrado intitulada *Uma possível arte afro-brasileira: corporeidade e ancestralidade em quatro poéticas*, discute, entre outras temáticas, a cultura negra e o hibridismo cultural, o corpo e a teatralidade na Folia de Reis, Congada e Candomblé, a simbologia e corporalidade mítica na produção artística de dois artistas afro-brasileiros.

Dissertação: *Uma possível arte afro-brasileira: corporeidade e ancestralidade em quatro poéticas*

NA ARTE BRASILEIRA

Para demarcar a presença mítica na arte brasileira seria necessário fazer um vasto estudo pois, no país, a arte é caracterizada por uma infinidade de influências culturais, notadamente a dos povos nativos, dos africanos e dos europeus colonizadores.

No entanto, não devemos esquecer que há milhares de anos o território brasileiro já era habitado, e marcas da presença desses povos estão presentes de norte a sul. Para ilustrar tal fato, o artigo *Panorama da arte rupestre brasileira: o debate interdisciplinar*, de Thiago Pereira, trata das pinturas na Serra da Capivara, Piauí. Eis o que diz o seu resumo:

O artigo apresenta a arte rupestre no Brasil com apontamentos de avanços dos estudos de Pré-história no cenário internacional. Ao inserir os estudos brasileiros nos mundiais, permite-se o conhecimento de realidades semelhantes e divergentes, possibilitando novas interpretações [...].

Artigo: *Panorama da arte rupestre brasileira: o debate interdisciplinar*

Vídeo: *Serra da Capivara (Unesco)*

Já no campo das manifestações espetaculares, em que são extremamente diversas as produções artísticas que trazem o caráter mítico e ritual da arte, temos o grupo teatral *Tá na Rua*, sob a direção de Amir Haddad. Na sua trajetória, o grupo dedica-se à pesquisa e imersão em ambientes culturais em todo o território brasileiro, incorporando em seus espetáculos aspectos míticos e rituais. Como exemplo, *Próspero e os Orixás*, de 2017, apresentado no Festival de Teatro de Curitiba.

De Érida Castello Branco, é uma adaptação de peça teatral 'A tempestade', um dos mais importantes e famosos textos do dramaturgo inglês William Shakespeare. Com a simplicidade do cordel, a encenação para a rua leva ao público o universo mágico da obra, a novidade é que a adaptadora substitui todos os seres mágicos do original por entidades igualmente poderosas e significativas das religiões afro-brasileiras. Assim, a ilha se transforma neste grande continente afro-brasileiro que é o Brasil Mágico, miscigenado e profundo.

Site: Grupo teatral *Tá na Rua*

Vídeo: *Próspero e os Orixás*

Site: *Guia Gazeta do Povo - Teatros*

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. K. A. Introdução a discussão da arte nos rituais africanos. *Revista Africa e Africanidades*, III, n. 12, fevereiro 2011.
- BERTHOLD, M. *História mundial do teatro*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BRANDÃO, J. *Mitologia Grega*. Vol.I. Vozes, RJ. 1996.
- CAMPBELL, J. *As transformações do mito através dos tempos*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- CEBULSKI, M. C. *Introdução à história do teatro no Ocidente: dos gregos aos nossos dias*. Guarapuava: Unicentro, 2012.
- CEBULSKI, M.C. *Teatro de formas Animadas*. Guarapuava: Unicentro, 2013.
- GUILOVSKI, B.; COSTA, D. R. Ritos e rituais. In *II JOINTH – Subjetivação contemporânea e religiosidade*. PUC-PR, Curitiba, 2012, p. 91 a 109).
- HAUSER, A. *História social da literatura e da arte*. 4. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- KING, F. *Magia*. [Col. Mitos, deuses, mistérios]. Madrid: Ediciones del Prado, 1996.
- LEWINSOHN, A. C. Entre o ritual e a cena: limites e mutações. In *Anais da IV Reunião Científica da ABRACE*. Belo Horizonte, 2015.
- PEREIRA, T. Panorama da arte rupestre brasileira: o debate interdisciplinar. In *Revista de História da Arte e Arqueologia*, nº 16/jul/dez de 2011.
- ROCHA, E. P. G. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SILVA, A. de F. S. *O sentido educativo do mito na formação do homem grego*. 2009. 103fl. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- VIANA, J. B. S. *Uma possível arte afro-brasileira: corporeidade e ancestralidade em quatro poéticas*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Artes), UNESP, São Paulo, 2008.